

Aula 12

A PROJEÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO NOVO MUNDO: ASPECTOS CULTURAIS E LINGUÍSTICOS

META

Apresentar a consolidação da língua portuguesa no século XVI.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
ordenar o quadro histórico e cultural do século XVI – em Portugal, destacando o momento em defesa da língua pátria e de sua expansão ultramarina;
reconhecer textos históricos e poéticos da época, situando o esforço de codificação gramatical, de exaltação nacionalista da língua portuguesa diante dos novos domínios geográficos por ela alcançados;
distinguir as variações dialetais do português tanto no território de origem (Portugal) quanto nos novos espaços de expansão ultramarina.

PRÉ-REQUISITOS

A aula número 11 – A codificação gramatical e o processo de latinização do português.

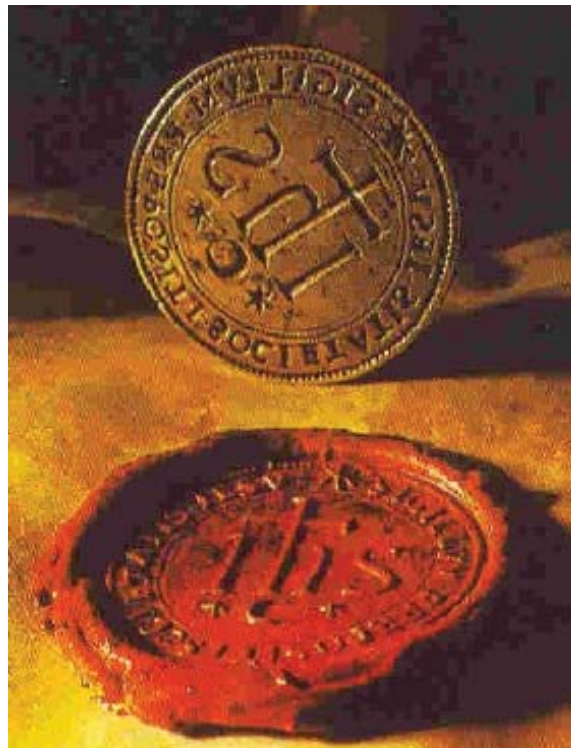
Antônio Ponciano Bezerra

INTRODUÇÃO

Ficou patente na aula anterior que o movimento humanista se interessou pelos estudos lingüísticos, promovendo e incentivando o aparecimento de gramáticas e dicionários que elevavam a língua nacional à categoria das línguas clássicas, como era o caso do grego e do latim.

Vimos ainda que, em Portugal, as gramáticas de Fernão de Oliveira e de João de Barros inauguram o processo normativo em português. Seguir-se-ão, até o século XVII, publicações de autores como Duarte Nunes de Leão, Magalhães Gândavo, Bento Pereira e Jerônimo Cardoso, este último, com trabalhos pioneiros em lexicografia portuguesa e ainda com uma variedade de dicionários de latim-português e português-latim.

A partir de 1555, passa a Companhia de Jesus a monopolizar o ensino, ao mesmo tempo em que as proibições inquisitoriais se instalam e vão condicionar o desenvolvimento cultural português, daí para frente. Em 1580, Portugal perde sua independência política e a passa para o domínio espanhol, e assim permanece por 60 anos. Portugal, sem Corte e com o ensino entregue aos jesuítas, não pode acompanhar o pensamento científico que se desenvolve no resto da Europa, através das descobertas de Galileu, Descartes, Pascal, Espinosa, Leibniz, Newton e muitos outros. Então, como Portugal insiste na permanência do ensino escolástico, pois aí reina o clima da contra-reforma, o pensamento emancipador da Ciência não pode medrar (germinar) diante do obscurantismo jesuítico pela censura e pelo teocentrismo recuperado.



Selo da Companhia de Jesus (Fonte: <http://inacioloiola.no.sapo.pt>).

ESFORÇO INTELECTUAL

O clima de sujeição à censura propicia ainda mais o interesse de portugueses cultos pela língua e pelos autores castelhanos, mas esse gosto não constitui uma ameaça para a língua portuguesa, pois ela já se achava consolidada e inserida em todo um movimento nacionalista, inclusive de exaltação e defesa de suas potencialidades de língua nacional. De certa forma, esse movimento foi encabeçado, sobretudo, pelos poetas António Ferreira, Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda e o grande épico Luiz Vaz de Camões, com a sua imortal epopéia “Os Lusíadas”, de 1572.

Dentre esses autores, convém destacar o poeta trágico (autor da maior tragédia do Renascimento Português “A Castro”) António Ferreira, pelo seu papel de intelectual consciente da necessidade de se elevar à dignidade o idioma pátrio face ao prestígio reinante das línguas clássicas, e ainda um doutrinador crítico e propulsor das Letras e das novas formas literárias, tanto que, nesses aspectos, supera autores como Sá de Miranda e o próprio Camões. O seu incitamento aos demais autores da época diz respeito à utilização da língua portuguesa – língua nacional – no sentido de exaltá-la como tal e capaz tanto quanto outra qualquer de prestígio para a expressão da “alta poesia”.

E é exatamente com esse propósito que ele, António Ferreira, confessa que importa apenas trabalhá-la, enriquecê-la, depurá-la como fizeram os gregos, os romanos e os italianos diante de seu idioma pátrio, pois, para os portugueses, é a língua portuguesa suscetível de progresso e de elevação até alcançar a perfeição das outras línguas nobres. Nessa direção, cabe a observação do crítico português Costa Marques:

E, se Portugal tem, como outros povos, altos espíritos, a estes não falta mais que mestre e uso, para que reconheçam o valor do seu próprio idioma e o tornem igual, se não superior, a qualquer outro.

Todo o fervor do poeta António Ferreira expressa também a sua indignação sobre um punhado de autores seus contemporâneos que se dedicaram, abusivamente, ao cultivo e uso escrito da língua espanhola (castelhano), daí uma atitude severa, de censura, ao mesmo tempo de defesa e ilustração, em estilo veemente, acalorado, vivo, dos direitos e virtudes do português – língua da nação Portugal. Com efeito, entendia esse poeta que a unidade da língua, no caso em questão, da língua portuguesa, e a ilustração (defesa incondicional) desta constituíam um meio poderoso de coesão e um dos mais eficazes instrumentos de expressão do sentimento de nacionalidade.

A profissão de fé de António Ferreira, centrada nas virtualidades da língua pátria, comprova-se em várias passagens de



António Ferreira (Fonte: <http://www.tei-c.org>).

seus “Poemas Lusitanos”, aliás, denominação bem a propósito e por si só significativa em defesa da língua lusitana frente a qualquer outra a ela estranha. Então, nesse afã, assinala, em relação a outras línguas latinas até referir-se orgulhosamente ao português:

“Garcilasso e Boscão, que graça e espiritos
Destes a vossa língua, que princesa
Parece já de todas, na arte e ditos!”
“E quem limou assi a língua francesa
Senão os seus Franceses curiosos,
Com diligência de honra e amor acesa?”

“E vós ó namorados e engenhosos
Italianos, quanto trabalhastes,
Por serdes entre nós nisto famosos!”
“Assi enriqueceste e apurastes
Vosso toscano, que será já tido
Por tal pera sempre a vós deixastes”.

(.....)

“Porque o com que podias nobreecer
Tua terra e tua língua, lho roubaste,
Por ires outra língua enriquecer?”

“Cuida melhor que, quanto mais honraste
E em mãos tiveste essa língua estrangeira,
Tanto a esta tua ingrato te mostraste”.

(.....)

“Sejam à boa tenção obras iguais,
“E a boa tenção e obra à Pátria sirva;
“Demos a quem nos deu e devemos mais”.

“Floreça, fale, cante, ouça-se e viva a portuguesa língua, e já, onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva”.

“Se téqui esteve baixa e sem louvor,

“Culpa é dos que a mal exercitaram.

Esquecimento nosso e desamor”.

“Mas tu farás que os que a mal julgaram e inda as estranhas línguas
mais desejam Confessem cedo, ant’ela, quanto erraram”.

“E os que depois de nós vierem vejam.

Quanto se trabalhou por seu proveito, “Porque eles pera os outros assi sejam”.

Vejam, para uma melhor apreensão do conteúdo desses versos, alguns esclarecimentos sobre o seu vocabulário: “espiritos” = espíritos; “ingenhosos” = engenhosos; “curiosos” tem sentido primitivo de “cheios de cuidado”; nobrecer = enobrecer; “por” = para; “floreça” = floresça”; “téqui” = até aqui; “ant’ela” = perante ela; “despois” = depois; “porque” = conjunção final “para que”; “pera” = para; “assi” = assim.

Estamos, assim, em presença de uma nova concepção de língua, de literatura e de arte nacional, elaborada e defendida por um poeta que teve o mérito e o justo louvor de um homem de letras que instaurou o sentido da dignidade e da função civilizadora da língua nacional (o português), para além de incitador da elaboração de uma epopéia e impulsionador de um reconhecimento merecido dos valores culturais e literários de projeção mundial, numa elevação de voz que parece ter atingido os ouvidos do grande épico Luís Vaz de Camões.

Desse modo, durante todo o século XVI, assiste-se a um movimento de afirmação e de expansão da língua portuguesa no mundo. Ao transcender os limites de sua dimensão territorial europeia, portanto, original, o português tornou-se um instrumento (veículo) de comunicação também para outros povos e outras culturas. No Oriente, na África, na América, passa-se a falar o português. Para além de sua natural diversidade, em seu próprio espaço territorial de origem, como veremos mais adiante, amplia-se essa diversificação resultante da transplantação da língua para as outras regiões do mundo, o que permitiu uma compreensão vasta entre europeus, asiáticos, africanos e americanos. Falado nos mais diferentes pontos do mundo, o português deixou de pertencer apenas a Portugal e se tornou um elo essencial de interlocução entre povos, culturas e nações distantes e diversas.

Assim, no processo de expansão da língua portuguesa, que se adensa muito mais a partir dos finais do século XVI em diante, devemos distinguir duas situações: a de afirmação do português nas terras conquistadas e colonizadas, sobrepondo-se às línguas nativas, autóctones, e a de constituição de crioulos de base portuguesa.

Como podemos observar no mapa em anexo a esta aula, a navegação pelas costas africanas e o estabelecimento do comércio em várias regiões do Oriente vão exigir a fundação de portos e de fortificações que, naturalmente, vão também possibilitar a formação de crioulos (línguas crioulas): as necessidades de comunicação motivadas pelas relações comerciais levam comerciantes e colonos a se estabelecerem em possessões portuguesas e aí casarem-se com nativas. Tal situação termina por favorecer ao desenvolvimento de variedades lingüísticas de intercâmbio social. Trata-se de variedades funcionais de base portuguesa, com uma estrutura gramatical

muito simplificada, servindo apenas para facilitar as necessidades de comunicação imediata de seus falantes. No entanto, com o tempo, essas variedades lingüísticas de emergência se complexificam pelo uso constante e amplo, a ponto de se tornarem a primeira língua da comunidade, chegando, então, ao estatuto de língua materna que se denomina de crioulo: o destino será, de fato, evoluir sempre conforme as necessidades expressivas, cada vez mais amplas, de seus usuários.

Nas costas africanas, desenvolveu o crioulo em Cabo Verde, na Guiné-Bissau e nas Ilhas de São Tomé e Príncipe. Não há crioulo nas Ilhas dos Açores e da Madeira, em Angola ou em Moçambique. No entanto, fala-se também crioulo de base portuguesa em algumas regiões do Oriente como em Goa (Índia), Macau, Sri Lanka, Timor, Tugu (Ilha de Java – Oceania) e na América – Curaçao e outras formações crioulas menores.

Como língua oficial, o português se estende pelas costas africanas e alcança a região de Moçambique, no Oriente. Assim, na Guiné-Bissau, a situação lingüística é complexa: para além das línguas nativas e do português, existe ainda o crioulo que funciona como língua veicular entre falantes de línguas autóctones diversas. Em Cabo Verde, embora o português seja língua oficial, o crioulo é língua nativa do cotidiano, já com décadas de tradição literária. Em São Tomé e Príncipe, para além do português – língua oficial – fala-se o dialeto “angolar” e os dialetos crioulos “forro” e “moncó”. Em Angola e Moçambique, não existem crioulos, aí, o português desponta como língua oficial e se revela instrumento de unificação lingüística, a partir da pressão da norma portuguesa de que guarda semelhanças evidentes.



Mapa dos Descobrimentos (Fonte: <http://www.ancruzeiros.pt>)

O professor Sílvio Elia denomina de “A Lusitânia Perdida” a região oriental em que o português entrou em um processo de decadência e passou a perder terreno, cedendo o seu lugar à língua inglesa. Esta é a situação na Índia, em Goa, Damão e Diu; na China, em Macau; em Timor, no Sri Lanka, em Hong Kong ou Malásia ou ainda outros falares em regiões da Ásia. Esse mesmo professor se refere também a uma “Lusitânia Dispersa”, resultado de um processo migratório intenso que levou o português a um mundo não lusófono, americano ou europeu, chegando ao estatuto de segunda língua mais falada no país receptor, como é o caso do português na França.

A título de ilustração, eis alguns exemplos das variedades do português ou de dialetos crioulos de base portuguesa que floresceram nas costas da África e do Oriente:

a) o crioulo de Macau (“Lingu maquista”) extinguiu-se não há muitos anos, quando desapareceram os seus últimos falantes, mas o português ainda é falado como segunda língua por um reduzido número de macaenses, “os filhos da terra”, que têm como primeira língua o cantonês: “lou-sa terá,/ lou-sa berço,/ Amor vivo di íon-sa coraçám;/ Macau pequinino,/ Filo di unga Pátria grândi! (...); em português: “Minha terra,/ Meu berço,/ Amor ardente do meu coração;/ Macau pequenina,/ Filha de uma Pátria grande!”;



Panorama de Lisboa no séc. XVI (Fonte: <http://osentidodaspalavras.blogspot.com>).

b) Eis alguns provérbios guineeses: “Barbadi i suma malgeta: i ta ardi” (a verdade é como a mala gueta: arde); “Bianda sabi ka ta tarda na Kabas” (comida saborosa não dura na panela); “Boka fichadu ka ta ientra moska” (em boca fechada não entra mosca);

c) De Moçambique, um exemplo da prosa de Mia Couto:

“– Que estás a fazer, caraça de tu?” –

“– Não está ver? Estou cortar essa árvore”. –

“– Pára com isso, Nhonhoso da merda, essa ar vore é minha”.

“– Sua? Suca mulungo, não me chateia”.

“Nunca tínhamos falado assim. Domingos Mourão, o nosso Xidimingo, se levantou e, aos tropeços, se atirou contra mim. Os dois brigamos, convergindo violências. O branco me solavanqueou, parecia transtornado em juízo de bicho. Mas a luta logo se desgraçou, desvitaminados o pé e o soco. Só os nossos respiros se farfalhavam nos peitos cansados. Os dois nos sacudimos, desafeitos”. Neste exemplo de Moçambique, podemos observar que o léxico, a morfologia, a sintaxe, a fonética vão sofrendo modificações resultantes dos contatos com outras línguas nativas, no entanto, a norma é, ainda, a do português europeu.



Brasão português, séc. XV (Fonte: <http://ritualpalavras.blogs.sapo.pt>).

CONCLUSÃO

Até meados do século XVI, a língua portuguesa apresenta caracteres gramaticais, estilísticos e lexicológicos que a separam dos tempos subsequentes. A partir daí, o português passou a ser invadido (influenciado, de alguma maneira) pela literatura, assumindo uma forma cada vez mais definida e precisa. Para tal transformação contribuiu a renovação cultural dos séculos XV e XVI, sob o influxo do Renascimento italiano, do contato mais íntimo com as culturas grega e latina e com a expansão ultramarina que permitiu o contato da língua portuguesa com várias línguas do mundo.

Ao lado dessas influências externas, conta-se o esforço dos primeiros gramáticos para modernizar o português, promovendo-o à dignidade estética, à estabilidade e disciplinando o seu uso, afastando-o da vulgaridade, tal como na época exalta o poeta trágico António Ferreira, na sua defesa e ilustração da língua portuguesa e recomenda Duarte Nunes de Leão, em sua “Origem da Língua Portuguesa”.

As conquistas conseqüentes dos grandes descobrimentos marítimos trouxeram um enorme contingente de elementos lingüísticos oriundos das outras partes do mundo, o que possibilitou um remapeamento dos domínios do português em outros continentes. Assim, passamos a visualizar a Lusitânia também fora do continente europeu de origem antiga (continental e insular). Para além do berço, o espaço geolinguístico do português se define também como: Lusitânia Nova ou Brasil, assunto, aliás, da próxima aula; Lusitânia Novíssima: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe; Lusitânia Perdida: Índia, Macau, Timor; Lusitânia Dispersa: todo o alcance migratório português.



RESUMO

O século XVI é um marco decisivo para a consolidação da língua portuguesa não só no seu espaço de origem, mas também em relação aos domínios conquistados com a expansão marítima por mares e oceanos do mundo.

O movimento intelectual conhecido como o humanismo renascentista vai possibilitar, em Portugal, uma renovação cultural e estética significativa, não apenas no campo da produção e dos estudos literários, mas também no aprimoramento do veículo ou instrumento de trabalho artístico que é a língua portuguesa, submetendo-a ao processo de codificação-gramaticalização, em voga em todos os outros domínios românicos.

Com o avanço das conquistas portuguesas, intensificam-se os contatos da língua portuguesa com falantes de áreas geográficas dos mais diversos pontos do mundo: África, Ásia e América são os novos espaços privilegiados para fixação do império português e para expansão de sua língua. Assim, diante de novas terras, novas línguas, novas realidades (nova fauna e nova flora), o português se enriquece e se diferencia de sua matriz continental.

Na atualidade, a língua portuguesa está presente, como língua oficial, em países como Brasil, Cabo Verde, Angola, São Tomé e Príncipe, Moçambique e em outras regiões do mundo como segunda língua, como língua natural de imigrantes ou como variedade dialetal conhecida como crioulo.



ATIVIDADES

1. Relacionar os principais acontecimentos históricos do século XVI que influíram na expansão da língua portuguesa.
2. O que entendeu sobre o processo de defesa e de ilustração do português no século XVI?
3. Pesquise, nas obras indicadas, e faça um resumo da trajetória dos portugueses nas costas africanas e no Oriente e cronologicamente indique o período de colonização de terras como a Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e Moçambique.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para uma melhor compreensão desta aula, o aluno deve consultar uma obra de história para entrar em contato com toda a riqueza cultural e artística do movimento renascentista europeu e suas repercussões na vida intelectual e econômica dos povos colonizadores.



PRÓXIMA AULA

Caro aluno, na próxima aula você conhecerá como ocorreu a difusão do português no Brasil.

REFERÊNCIAS

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Padrão Ed., 1975.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico S/A, 1976.

CUNHA, Celso. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FENAME, 1972.

ELIA, Sílvio. **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: Ática, 1989.

FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da. **O português entre as línguas do mundo**. Coimbra: Livraria Almedina, 1985.